

# Acre, onde o Brasil tem gosto amargo

**Isolado do país e do mundo, o Acre convive com conflitos sociais, políticos e ecológicos**

MIRIAN GUARACIABA

RIO BRANCO — Há dois anos, o seringueiro Osmarino Amâncio Rodrigues, 31 anos, solteiro, perguntou a um antropólogo o significado da palavra "acre". A resposta que ouviu explica muito sobre o que acontece hoje no mais distante e desconhecido estado brasileiro.

Acre quer dizer amargo. "Descobri que era esse o gosto estranho que eu sentia na boca", diz Osmarino, que hoje é candidato à presidência do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasília, a 150 quilômetros de Rio Branco, na fronteira com a Bolívia. Osmarino é também um dos muitos moradores do Acre jurados de morte.

O gosto amargo na vida de pessoas como Osmarino é resultado de uma guerra que há anos envolve, de um lado, trabalhadores rurais e seringueiros, e, de outro, pecuaristas e donos de seringais. Esse clima de conflagração atingiu seus piores mo-

mentos nos últimos meses e já liquidou muitos líderes sindicais e fazendeiros, espalhou seguranças armados à esquerda e à direita, colocou o Brasil na mira dos credores internacionais e pôs o longínquo Acre nas manchetes das mais importantes publicações do mundo.

Em algumas regiões do Acre, como a de Xapuri, onde morreu o sindicalista e ecologista Chico Mendes no final de dezembro, essa guerra é declarada. Em outras, como no distante município de Cruzeiro do Sul, fronteira com o Peru, ela ainda é surda, mas pode explodir a qualquer momento. São

dois Acre, os dois azedos. No primeiro, o de Xapuri, briga-se pela terra e contra a derrubada da floresta. No segundo, o de Cruzeiro do Sul, briga-se pelo fim de um regime de semi-escravidão que vigora há mais de cem anos, onde seringueiros, embrenhados na floresta, ainda não conhecem o cruzado, a moeda brasileira.

No Acre dos opostos e dos confrontos, convivem duas Igrejas — uma oposta à outra. São duas dioceses. A de Xapuri, comandada pelo bispo d. Moacyr Grechi, é uma das expoentes da chamada Teologia da Libertação, apóia a causa

dos seringueiros, estimula o crescimento do Partido dos Trabalhadores e participa ativamente na luta pela terra. A de Cruzeiro do Sul, liderada pelo bispo d. Luis Herbest, ainda usa rituais solenes, considera os seringueiros radicais, convive bem com os donos de seringais e teme o avanço do comunismo na região.

No Acre que se divide na questão fundiária e social, existe hoje pelo menos um ponto de convergência. É a luta pela construção de uma estrada de asfalto, a BR-364, cujo traçado ligaria, pela primeira vez, os 11

municípios, do estado entre si e o próprio Acre ao restante do País e do mundo. Esse, no entanto, é mais um assunto polêmico. Entidades como o Banco Mundial acham que a estrada prejudica o meio ambiente e decidiram impedir sua construção.

Distante e inóspito, o Acre é uma antiga porção do território da Bolívia, comprada pelo Brasil no início do século. Essa circunstância geográfica e histórica faz dele o estado brasileiro mais parecido com o Alasca americano.

\* Colaborou José Altino Machado

# Medo domina a vida na região

O medo percorre o Acre de Norte a Sul. Na semana passada, Orleir Cameli, de 39 anos, empresário e dono de uma das maiores fortunas da região de Cruzeiro do Sul, perto da fronteira com o Peru, esteve em Brasília para dizer ao diretor-geral da Polícia Federal e ao ministro da Justiça como está a situação. "Há cheiro de pólvora no ar do Acre", afirmou. Cameli sente-se ameaçado, mas, curiosamente, foi a Brasília para alertar o governo que o líder dos seringueiros, Antonio Macedo, também corre riscos. "Eles podem matar o Macedo para me prejudicar", advertiu o empresário.

Em Cruzeiro do Sul, também na semana passada, o próprio Macedo, de 36 anos, coordenador da Comissão Pró-Índio e membro do Conselho Nacional dos Seringueiros, foi a única delegacia de polícia da cidade para exigir um guarda-costas, conforme determinação do governador do Acre, Flaviano Melo. Macedo tem medo do empresário Cameli, porque há dois meses, numa reunião de trabalhadores e patrões, foi esmurra-do por ele.

Macedo comanda uma verdadeira rebelião de seringueiros do Alto Juruá e da região de Cruzeiro do Sul contra o pagamento da "renda" (percentagem que o seringueiro paga ao dono do seringal, instituída há mais de cem anos, no início do ciclo da borracha). A "renda" já valeu 66 quilos de borracha/ano e hoje está estipulada em 10% da produção. O seringueiro paga essa taxa ao patrão em troca de alimentos. Os preços desses alimentos, no entanto, são extorsivos.



Osmarino, seringueiro e sindicalista: um dos muitos acreanos ameaçados de morte

O vereador Raimundo Mendes, do PT de Xapuri, primo de Chico Mendes, pediu garantia de vida por causa das ameaças que tem recebido. A viúva de Chico Mendes, Ilzamar Mendes, não anda sozinha nem leva seus filhos para Xapuri. As crianças ficam num seringal distante com os avós.

Outro que passa por momentos difíceis é o líder dos seringueiros de Brasiléia, Osmarino Rodrigues. No dia 15 ele descobriu uma tocaia no fundo de sua casa e, dois dias depois, passou a madrugada vigiando uma caminhonete estacionada à frente de sua porta. No carro estavam Tilinho — filho de Alvarino Alves da Silva, irmão de

Darly Alves, que está preso e é um dos principais suspeitos da morte do ecologista e sindicalista Chico Mendes — e Benedito Rosa.

José Alves Mendes, o Zuza, irmão de Chico Mendes, diz que, quando anoitece, não sai mais de casa. Em Xapuri, ele está vivendo com uma irmã, porque ela tem dois cachorros que servem de vigia. No mês passado, Zuza foi procurado pelo irmão de João Pé-de-Pato, um conhecido matador da região. "Nós vimos João com Alvinho, que mata até de dia", disse Zuza assustado. Há dois meses ele não vai ao seringal para tirar a borracha nem colhe castanhas. Só com casta-

nhas conseguiria mais de N. 200,00 por mês.

O bispo de Rio Branco, Moacyr Crechi, diz que nem conta mais os telefonemas anônimos, recados e insinuações que ouve. "O que me preocupou mais foi a visita de um amigo que relatou que estão preparando-se para me assassinar", afirmou o bispo. Fazendeiros, proprietários de jornais, rádios e televisão, além do presidente da UDR, têm viajado porque temem ser assassinados. Até a polícia teme outra tragédia no Acre e tem ordens do governador para aumentar a vigilância, com medo de que seja desencadeada uma verdadeira guerra no Estado.



José Paulo/AE

*Seringueiro João: sua única moeda é a borracha*

## Francisco, 40 netos, nunca viu uma cidade

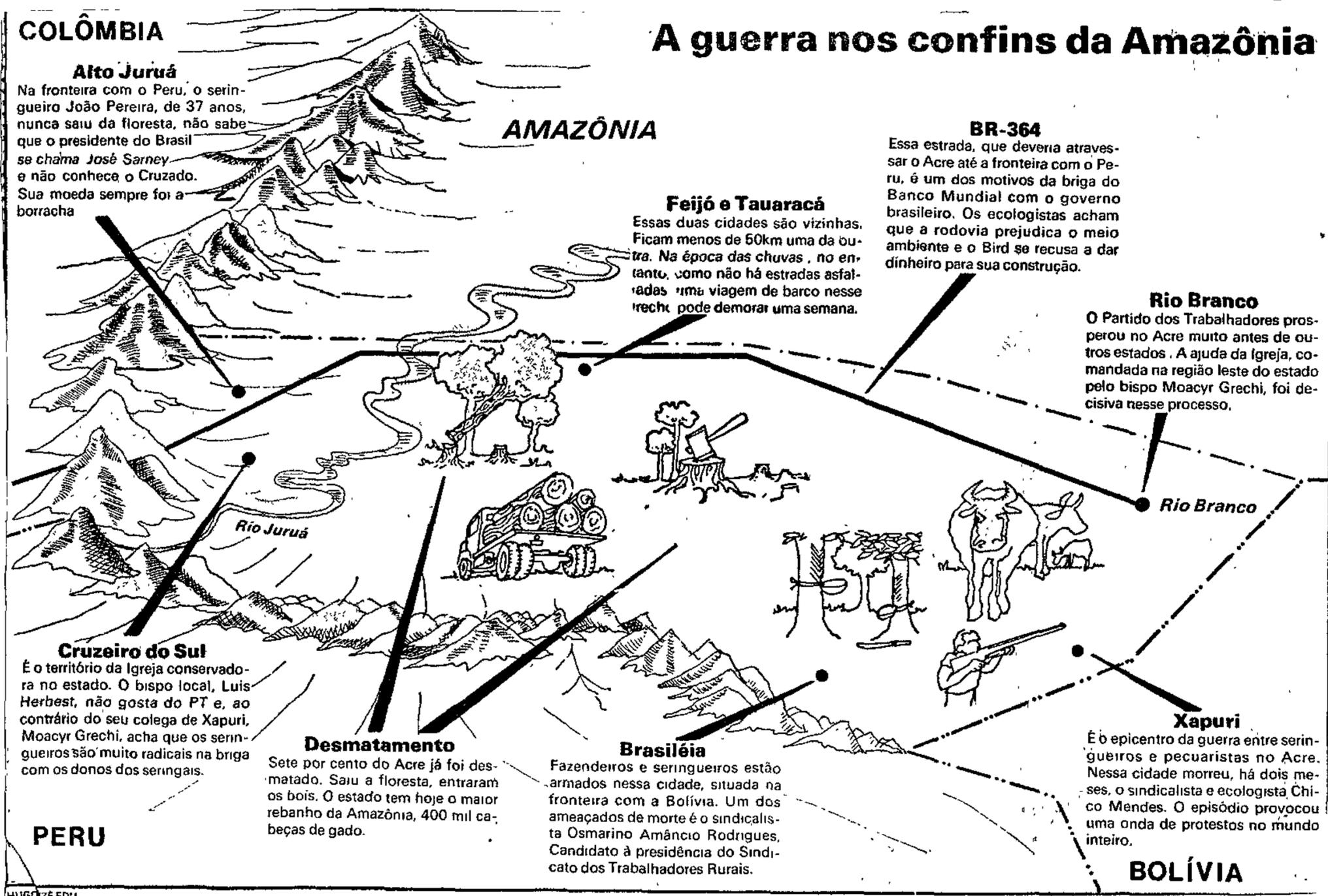
João Pereira de Souza, 37 anos, brasileiro, acreano, nascido e criado no seringal Campos Eliseos, no rio Bajé, quase na fronteira com o Peru, nunca ouviu falar em José Sarney, jamais teve notícia de Brasília e apenas imagina que o Brasil tenha um presidente e uma capital.

A miséria cultural de João não vem sozinha: por uma lata de 400 gramas de leite em pó, o seringueiro paga seis quilos de borracha (NCz\$ 6,60). "Não recebo nada dado, só comprado", informa. Sua moeda é a borracha. João não conhece o cruzado, nunca viu cédula e moedas.

O selvagem João de Souza divide a pobreza com milhares de seringueiros da região do alto Juruá: lá não há escolas, médicos, comunicação de espécie alguma, padres ou sindicatos. Nenhum sinal de civilização. "Eu nunca vi uma cidade", conta Francisco Elias da Silva, 78 anos, 65 dos quais cortando seringueiras, oito filhos e 40 netos. Francisco exhibe as mordidas de cobra e uma velha carteira de seringueiro, guardada cuidadosamente em saco plástico, que recebeu do governo de Getúlio Vargas quando se alistou no "exército da borracha". Esperançoso, o velho acreano espera ir à Alemanha com a carteira: "Foi o que me disseram; a senhora acha que eu ainda posso ir?"

O seringueiro não sabe exatamente onde fica e como é a Alemanha, nem por que quer ir. Mas sabe o que vai encontrar na mata quando sai às 2 horas da manhã para cortar a seringueira, espeta a latinha que vai colher o leite (látex) e volta lá pelas 9 recolhendo a borracha. "Um dia a onça apareceu e fiquei com tanto medo que ela foi crescendo, crescendo, játava maior que eu", diz. "Aí atirei: era ela ou eu", relata, rindo e fazendo rir seus companheiros, o velho Francisco da Silva.

No dia 25, personagens como esses vão estar reunidos em Rio Branco numa inédita e ainda estranha aliança chamada "os povos da floresta". O acontecimento promete ser tão grandioso quanto o que ocorreu, há uma semana, em Altamira, no Pará. Os participantes da reunião, representantes de oito mil índios de 12 diferentes nações, 25 mil famílias de seringueiros e quase cem mil colonos do Acre, estarão protestando contra a devastação da região, o desmatamento acelerado, a miséria, a luta e a escravidão dos povos de sua floresta. Os índios iauanaua, da região do rio Gregório, pretendem exibir à imprensa um documento de raro valor em que o ex-presidente da Funai, Romero Jucá Filho, autoriza o desmatamento da reserva para extração de madeira de lei.



### COLÔMBIA

#### Alto Juruá

Na fronteira com o Peru, o seringueiro João Pereira, de 37 anos, nunca saiu da floresta, não sabe que o presidente do Brasil se chama José Sarney e não conhece o Cruzado. Sua moeda sempre foi a borracha

## A guerra nos confins da Amazônia

### AMAZÔNIA

#### Feijó e Tauracá

Essas duas cidades são vizinhas. Ficam menos de 50km uma da outra. Na época das chuvas, no entanto, como não há estradas asfaltadas, uma viagem de barco nesse trecho pode demorar uma semana.

#### BR-364

Essa estrada, que deveria atravessar o Acre até a fronteira com o Peru, é um dos motivos da briga do Banco Mundial com o governo brasileiro. Os ecologistas acham que a rodovia prejudica o meio ambiente e o Bird se recusa a dar dinheiro para sua construção.

#### Rio Branco

O Partido dos Trabalhadores prosperou no Acre muito antes de outros estados. A ajuda da Igreja, comandada na região leste do estado pelo bispo Moacyr Grechi, foi decisiva nesse processo.

#### Rio Branco

#### Cruzeiro do Sul

É o território da Igreja conservadora no estado. O bispo local, Luis Herbert, não gosta do PT e, ao contrário do seu colega de Xapuri, Moacyr Grechi, acha que os seringueiros são muito radicais na briga com os donos dos seringais.

#### Desmatamento

Sete por cento do Acre já foi desmatado. Saiu a floresta, entraram os bois. O estado tem hoje o maior rebanho da Amazônia, 400 mil cabeças de gado.

#### Brasiléia

Fazendeiros e seringueiros estão armados nessa cidade, situada na fronteira com a Bolívia. Um dos ameaçados de morte é o sindicalista Osmarino Amâncio Rodrigues, Candidato à presidência do Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

#### Xapuri

É o epicentro da guerra entre seringueiros e pecuaristas no Acre. Nessa cidade morreu, há dois meses, o sindicalista e ecologista Chico Mendes. O episódio provocou uma onda de protestos no mundo inteiro.

### PERU

### BOLÍVIA



José Paulo/AE

Peter, da Fundação Ford: projetos de apoio aos carentes

## Instituições apóiam luta de seringueiros

Em abril, 40 seringueiros do interior do Acre serão treinados para exercer, se puderem, a liderança sindical, com técnicas da Central Única dos Trabalhadores (CUT), importadas do ABC paulista, e patrocínio em dólar. Não se trata de um fato isolado na luta dos seringueiros. Para irritação dos fazendeiros do estado, cresce a cada ano a participação de grupos políticos estranhos ao Acre, levando aos trabalhadores dinheiro, informações e assessoria.

O Instituto de Estudos Amazônicos (IEA), com sede em Curitiba, atua no Acre há 14 anos. Já a Fundação Ford, sediada em Nova York, desenvolve projetos específicos de apoio aos seringueiros (incentivando, por exemplo, a formação de cooperativas), enquanto a Associação de Assistência à Fome (Oxfam), de Londres, financia as reservas extrativistas. "Se a sede do IEA ficasse em Rio Branco, ninguém ouviria falar de Chico Mendes", justifica a antropóloga Mary Allegretti, presidenta da entidade.

O instituto trabalhou, em 1987, pela indicação do sindic-

lista para o prêmio Global 500, entregue pela Organização das Nações Unidas a Chico Mendes, que se destacou como defensor do meio ambiente. É o IEA, entre outras instituições estrangeiras, que encaminha as denúncias de desmatamento ou ameaças de morte à imprensa e aos credores internacionais. "Nós temos sete projetos de estudos e apoio às populações carentes do Brasil", explica Peter May, PhD em economia rural e assessor do programa de pobreza rural e recursos naturais da Fundação Ford.

Ninguém sabe ao certo quanto os estrangeiros investem no interior do Acre. Para o curso de treinamento das lideranças, US\$ 15 mil já foram destinados pelo IEA. A Fundação Ford também gasta alguns milhares de dólares, mas não revela o total. "Essa história de soberania nacional é só para fazer fumaça sobre a questão da preservação", diz Peter Fry. Para ele, o governo deveria prestar mais atenção, por exemplo, na atuação de grupos que exploram minérios na Amazônia. "Isso, sim, é que fere a soberania", afirma Fry.

## Igreja convive com orientações opostas

Em maio de 1980, o catariense Moacyr Grechi, o bispo diocesano de Rio Branco, interrompeu uma reunião de militantes do PT. "Por favor, omitam na ata o local desse encontro". Era o porão da catedral da cidade. Na semana passada, o bispo de Alto Juruá, localizada no extremo Oeste do Acre, o alemão Luís Herbest, interveio na rádio Verdes Florestas, de propriedade da igreja, para proibir a mensagem que seria enviada aos seringueiros pelo líder Antônio Macedo. "Ele estava incitando os homens contra os patrões", protestou o bispo alemão.

No Acre, também a Igreja convive com seus opositos. De um lado, a progressista, forte aliada dos seringueiros e índios. De outro, a conservadora, que defende os interesses dos donos de seringais. "Apesar do sistema antigo de cobrança de renda, os donos da terra podem exigir um pagamento pelo seu uso", afirma d. Luís Herbest, nascido em Wuerselen, na Alemanha, que deixa claro sua aversão à prática partidária da Igreja. "Como vou dialogar com meus fiéis do PMDB ou do PDS ou qualquer outro partido se estou apoiando o PT?", indaga. Em Rio Branco, d. Moacyr, 53 anos e

há 18 no Acre, discorda categoricamente: "O que se passa em Alto Juruá, entre patrão e empregados, é um regime de escravidão", protesta ele.

Separados desde 1930, quando o Vaticano criou a diocese do Alto Juruá, os dois bispos mantêm uma distância ideológica insuperável. Anticomunista, temeroso do avanço da esquerda no Brasil, o bispo alemão se orgulha dos 26 padres que comanda — entre eles, 14 alemães. "Na Rússia e na Albânia o comunismo não deu certo", afirma ele.

A 400 quilômetros de distância, d. Moacyr afirma não estar preocupado com as provocações de seu colega da diocese, "Comunista, eu? Isso é uma bobagem. Ou tu faz ou tu vê seu irmão morrendo de fome", rebate ele, de descendência italiana e com forte sotaque sulista. D. Moacyr conta com o apreço dos seringueiros, a boa vontade do governador Flaviano Melo e a ironia da direita. "O Partido Comunista Italiano nunca dominou a Itália e agora quer dominar o Acre. Aliás, a Igreja já está desmoralizada em todo o mundo. Foi a primeira a instituir o serviço de informações, a confissão", brinca o procurador-geral do estado, Hélio Saraiva.



José Paulo/AE

Os bispos d. Luís e d. Moacyr: inimigos ideológicos